



PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS: A LIDERANÇA¹ DA MULHER NEGRA EM CAMPO GRANDE MATO, GROSSO DO SUL

Maria de Lourdes Silva²

Introdução - Estes escritos apresentam elementos da pesquisa intitulada “Professoras Negras no Contexto da Educação Superior em Campo Grande-MS”, que está sendo realizada no PPGE/UFSCar/SP. O esforço empreendido nessa exposição tem a abordagem de realidade acerca das práticas sociais produzidas por uma mulher negra em um ambiente não escolar, e dos processos educativos desencadeados nas relações vividas por ela. A concepção deste estudo baseou-se nas leituras de Dussel, Freire e Fiori afastando-se da cosmovisão de ciência como privilégio dos grupos hegemônicos e de visão européia, branca e macha. O objetivo consistiu em identificar processos educativos desencadeados a partir da prática social de liderança de uma mulher negra em Campo Grande/MS. A metodologia aproximou-se de perspectiva qualitativa, utilizando-se da observação, de conversas informais registradas em diário de campo, de revisão de literatura e de fatos percebidos e vividos pelas envolvidas no estudo. No decorrer desse processo, constatou-se que as práticas sociais de mulheres negras necessitam ser reconhecidas e qualificadas academicamente, considerando que essas pessoas comungam uma história de abandono, mas experimentam, também, significativas resistências à marginalização, à desqualificação e à exclusão. Assim, observa-se na postura do sujeito pesquisado, elementos característicos de um projeto político comprometido em realizar as transformações necessárias à nossa sociedade.

O esforço se fez no sentido de estabelecer um diálogo analítico-crítico do processo de pesquisar e descrever a inserção em uma prática social cujo recorte norteou-se na prática social e nos processos educativos de uma mulher negra em exercício de liderança, relatado em três etapas: na primeira tratar-se-á do que está se entendendo por Prática Social e Processo Educativo e de que modo esses conceitos dialogam com a promoção da igualdade racial e de gênero; na segunda se relatar-se-á o que foi a inserção com *Ray* – mulher líder e militante do movimento negro, e, na última, explicitar-se-á algumas análises e sínteses no sentido de trazer à tona o diálogo travado na realização deste trabalho.

¹ A prática social de liderança da mulher negra foi uma atividade das aulas da Disciplina: “EDU 944 - Práticas Sociais e Processos Educativos”. A referida matéria de ensino insere-se na área de Pesquisa em Processo de Ensino e de Aprendizagem de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, no primeiro semestre de 2009. A disciplina abordou estudos sobre a Pesquisa em práticas sociais em contextos de tempos e memórias da América Latina; tratou da dialogicidade, humanização e libertação da educação, alteridade e comprometimento social; de sociedades multiculturais: diversidade, preconceitos, discriminações, racismo; de corpo, ambiente e motricidade e por fim de intervenção e pesquisa em comunidades populares.

² Doutoranda em Educação PPGE/UFSCAR. Profª cedida na UEMS.



As práticas sociais aqui entendidas como vivência das pessoas intercambiadas pelos significados e as intervenções no mundo que as cercam constituem-se no conjunto de ações e reações humanas pelo simples fato de vivermos e convivermos socialmente. Elas se constroem nas relações com (entre) pessoas, acontecendo em diferentes contextos, e mais que isso, “manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas”. (SILVA et.al, 2008, p. 9).

O principal objetivo das práticas sociais consiste em suprir as necessidades de sobrevivência e a manutenção dos bens, valores, costumes e cultura dos diferentes agrupamentos humanos. As práticas sociais podem corroborar para as transformações das realidades, tornando-as mais emancipadoras/libertadoras, ou podem contribuir para a manutenção das iniquidades, reforçando os processos de autoritarismos/alienações.

A opção em que se acredita é que as práticas sociais devem estar a serviço da libertação das pessoas e dos grupos oprimidos e marginalizados, como afirmou Paulo Freire (1992, p.5) quando anunciava a Pedagogia da Esperança:

Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã...

As práticas sociais, entre outras situações, permitem que os indivíduos, a coletividade se construa. As diferentes pessoas e grupos participam delas por escolha, ou não. Elas se orientam por processos educativos, pois a educação que transforma a todos, oprimidos e opressores, configura-se como instância em que se concentra um ato político.

A educação constitui-se em uma criação e necessidade humana que, segundo Brandão (1981, p.65), é

atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e alma, ou seja, em toda extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la.

Pensada assim, independente da escola, a educação é uma prática social e, seguramente, a mais importante porque em qualquer espaço de existência, ninguém escapa dos processos educativos. A educação, em seu sentido mais amplo, surge como a grande possibilidade de conscientização, de “capacidade que o homem tem de conhecer valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações” (MICHELIS, 2002).

Práticas Sociais e Processos Educativos são fenômenos permeados de conscientização, pois conforme nos apresentou Fiori (1986) “a educação como ação cultural conscientizadora” é tarefa



histórica do homem – “compromisso de amor”. É “práxis [que] só pode ter o sentido da libertação”. A libertação, por conseguinte, favorece pensar em práticas sociais que originam processos educativos configurando-se em um movimento de educar-se/conscientizar-se; educando-se/conscientizando-se, enraizar/enraizando-se nos fazeres que sob a perspectiva de libertação cultural de Dussel (1997), são sempre coletivos, práticas sociais são entendidas, portanto, como unidades integradoras de homens e mulheres que almejam transformações sociais pelas vias da educação no seu sentido mais amplo.

Existir como mulher negra tornou-se um constante “afirmar a diferença”, por isso, expor-se-á, a seguir, o resultado do trabalho de inserção na prática social de liderança de Raimunda Luzia de Brito, cuja prática, a exemplo da atuação de muitas mulheres, desencadeia processos educativos de combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação.

II - A liderança da mulher negra em Campo Grande/MS

A mulher ocupa papel de extrema relevância nas sociedades africanas tendo em vista que ela é geradora e guardiã, garantia da ancestralidade. Por isso, as mulheres africanas são, em sua existência e essência, fecundidade – continuidade do ciclo sagrado da vida, conforme evidenciou Oliveira (2004). A autora ainda afirma que a mulher ocupa o “centro dinâmico da comunidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 21) integrada ao cosmo, representando a garantia de continuidade da vida. As figuras femininas africanas ou africanizadas vão à luta, são guerreiras, lutam e resistem à submissão, à escravização e à desumanização, remetendo a memória histórica de governos e reinados africanos liderados por mulheres. Essa herança de resistência é destacada por Jônatas Conceição como “herança de resistência vinda da África com, entre muitos outros, aliados e partidários da rainha Nzinga” (SILVA, 2004, p. 26) e OLIVEIRA (2004, p. 21). Ambos apontam a mulher como pedestal da sociedade africana, destacando personagens como “as rainhas Jingas de Angola, Anina dos Haussas”. Numa aproximação com as reflexões de Silva (2004, p. 64) relembramos as mulheres quilombolas brasileiras: “Acotirene, Dandara, e Zeferina nos quilombos e, mais recentemente Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento, Creuza de Oliveira”, entre tantas outras mulheres negras brasileiras em serviço da promoção da vida.

Para direcionar ao propósito deste escrito reportar-se-á à liderança de Raimunda Luzia de Brito que, a exemplo de muitas mulheres, tem firmado o seu compromisso em defesa da população negra e demais agrupamentos humanos marginalizados.



Antes de destacar a mulher sujeito deste estudo, direciona-se para o que se está entendendo por liderança. Segundo o Dicionário MICHAELIS (1998, p. 1.253), liderança “é função de líder, guia. Tipo representativo de um grupo. Chefe de partido político. Aquele se obedece”. Está se denominando de liderança o processo de conduzir um grupo de pessoas. A habilidade de motivar e influenciar os liderados para que contribuam, voluntariamente, da melhor forma, com os objetivos do grupo ou da organização. A liderança colabora no processo de tomada de consciência e de luta libertadora: a Prática de liderança *Ray* está sendo interpretada acerca dessa ordem do conhecimento, pois ela (essa liderança) defende com coragem suas posições e não fica neutra diante da violação dos direitos humanos, servindo de referência positiva a grupos e pessoas, como inferiu Silva (1998, p. 21):

[nós] mulheres negras de hoje, buscamos educar-nos para a liderança, tal como a entendem nossas raízes africanas: todo o mundo deve ser líder, não necessariamente chefe, diretor, mas um líder na família, no trabalho, na comunidade, isto é, uma pessoa que contribui para o progresso e o fortalecimento de todos. Liderança, neste caso, implica educação escolar, acadêmica e sabedoria edificada no convívio com as comunidades de destino, a dos descendentes de africanos, a das mulheres.

Nessa perspectiva, encontramos Raimunda Luzia de Brito. Nascida em 27 de janeiro de 1939, ela é Assistente Social e Advogada. Há quase 50 anos, é líder e militante em defesa dos Direitos Humanos; do Movimento em defesa de população Negra e do Movimento em defesa dos Direitos das Mulheres Negras. Ela recebeu vários prêmios por seus feitos em favor da população negra o mais significativo deles é ter um Coletivo de Mulheres Negras com o seu nome: “Coletivo de Mulheres Negras – Raimunda Luzia de Brito”. Sem dúvida, um dos mais expressivos grupos de defesa dos direitos da população negra e, sobretudo, das mulheres negras. Atualmente, a *Ray*³ é Coordenadora de Políticas para Promoção da Igualdade Racial – CPPIR/MS.

Suas pesquisas caracterizam-se pelo viés temático que gira em torno da “Ação Afirmativa atitude positiva desde a infância”. As reflexões tratam da questão do racismo e do anti-racismo com crianças em comunidades quilombolas envolvendo aspectos sociais, econômicos, profissionais, culturais e de saúde. O debate das ações afirmativas a partir da infância é o projeto de libertação com o qual ela está comprometida atualmente.

Raimunda Luzia de Brito mantém o pé na história e na história do povo que ela representa. Um exemplo do comprometimento da militante com a história de seu povo reside no fato de que ela resolveu, aos 70 anos de idade, cursar Doutorado por acreditar que “o militante precisa do “Dr” para poder falar na Academia, sem o título de doutor ninguém lhe dá atenção” (DIÁRIO DE CAMPO 20-05-09, p.13). Frequentava as aulas assiduamente, para a avaliação apresentar os resultados de

³ Ray - como é chamada pelos amigos.



seus estudos dentro dos prazos estabelecidos. Por isso, no contexto da líder, o doutorado é projeto de vida, é caminho, é trajeto traçado.

O comprometimento de Raimunda com seus processos formativos pensando nas contribuições que poderá favorecer a toda comunidade, reforça a atuação de quem exerce a liderança, o exercício do “poder obediencial” de Enrique Dussel (2005) assim definido por Abreu (2008, p.2):

Poder obediencial é, então, na concepção de Dussel, o exercício delegado do poder de toda autoridade que cumpre com a pretensão política de justiça. E quem assume o poder de forma delegada deve fazê-lo em função das exigências, reivindicações, necessidades da comunidade. A expressão poder obediencial surgiu a partir da experiência dos chiapanecos, no México, com base na idéia de que os que mandam devem mandar obedecendo. E se assim não acontece há o que Dussel classifica como fetichismo do poder, o poder corrompido: o representante corrompido pode usar um poder fetichizado pelo prazer de exercer sua vontade, como vaidade ostensiva, prepotência despótica, sadismo ante seus inimigos, apropriação indevida de bens e riquezas.

Ray pode ser definida como uma mulher negra que cumpre a pretensão política de justiça. A leitura feita é a de que ela assume o compromisso social e político com ‘o outro’. O que permitiu essa observação diz respeito às crianças que encaminhou para além do ensino superior. Segundo relatos da líder, ela percebeu que as crianças estavam um pouco desorientadas, por isso assumiu a educação escolar das mesmas. *Ray* orientou estudos, olhou cadernos, deu flagrantes no colégio, cuidou da menina e do menino que são, hoje, profissionais bem sucedidos. A líder demonstra grau de comprometimento por com as crianças e jovens (que não precisam ser parentes consanguíneos) ela é enraizada no sentido da promoção da qualidade de vida, sobretudo das crianças e da juventude negra.

Ela cuida da vida, cuida de pessoas e de plantas. *Ray* manifesta um “estar no mundo”, pensando projetos – Ela tem projetos de trabalho com comunidades quilombolas, educação escolar, e tem uma agenda robusta com eventos realizados em todo Estado de MS.

A pessoa *Ray* tem projetos que envolvem a superação das desigualdades raciais pelas vias dos processos educativos, sobretudo os processos educativos escolares. Sua vida é marcada pela responsabilidade com as futuras gerações, esforçando-se para escrever outra história do mundo, tentando compreender os processos, traçar o caminho e deles não desistir tornando-se “um bom exemplo”.

A líder *Ray* demonstra solidariedade, preocupa-se com os ausentes, os doentes, os desanimados no processo de luta. A esperança é o que a move, pois embora demonstre indícios de que possa fraquejar, sente que é preciso reunir forças, erguer-se novamente, mesmo com apoio dos outros, afinal, a luta pelos processos de libertação não é solitária, é solidária, coletiva.



Ray fala da necessidade de solidariedade entre os negros. Nesse contexto, vale reportar-se à refelexão da professora Ilza Zenker L. Joly (Prof. Ilza, na aula de 28/04/2009–manhã), que em sua exposição assim falou: “*Quem pode comprometer-se? Aquele que é capaz de: agir e refletir! Estar no mundo e saber-se nele! Não reduzir o homem a um simples objeto autômato manipulável!*”

Movida pelo comprometimento, a líder se desencanta sem perder a paixão pela luta. Mas lamenta, dizendo: “estou cheia de fazer coisas a 0800” – ela se referiu uma forma de ligação telefônica sem custo para quem origina a chamada. Esse desabafo denota mais uma preocupação da líder Ray: o financiamento dos trabalhos (os recursos que darão sustentabilidade), mas, sobretudo, a rede de solidariedade que se deve ter com as pessoas que fazem o mesmo percurso de agente social transformador. Pensar na luta é pensar fazer a luta na totalidade. A contradição atrapalha, divide, especifica. Ray se coloca radicalmente contra esse tipo de postura individualista. (DIÁRIO DE CAMPO 27-05-09, p. 15)

Outro fato que preocupa a líder é a distribuição de tarefas, principalmente quando o envolvido demonstra estar meio inseguro. Ray auxilia na definição e encaminhamento de pessoas para realizar as atividades reconhecendo as positivities e limitações. Ray, liderança que acolhe o outro, reconhece o seu potencial. Sobre essa questão, Dussel (2005) assevera que a obediência, derivada do Latim, tem o sentido de escutar aquele que se coloca adiante, ou seja, como afirmou Abreu (2008, p. 1), “obediência é a posição subjetiva primordial que deve possuir o representante, o governante, que cumpre alguma função de uma instituição política.

Nesse contexto, empresta-se os escritos da jornalista de Mirian Santini Abreu para pensar sobre outra situação vivenciada pela protagonista deste estudo. Trata-se da idéia do tempo: uma servidora debatia com Ray a forma de dedicação e responsabilidade com o patrimônio público. Ray em algumas de suas atitudes dá indicativos de como dedica seu tempo em ouvir! Tempo de viver, o tempo em que se colocar como sujeito em uma construção de outra ética – o trato com o que é bem público! A transformação!

Em sua prática social de liderança ela tem como hábito comprar vários exemplares de obras que julga que a negrada⁴ deve ler. A líder compra os livros e faz doações aos seus alunos e às pessoas do seu convívio. A exemplo cito a obra de Borges, Edson. Et alli. *Racismo, Preconceito e Intolerância*. São Paulo: Atual, 2002, ofertado por ela a várias pessoas.

Ray lembra Freire (2007, p.11) quando ele afirmou que: “estudar, no fundo, é uma atitude em frente ao mundo”. Ela estuda e se compromete com os estudos e avanços das pessoas que são

⁴ Este é um termo utilizado pela Raimunda



colocadas em sua convivência. Raimunda Luzia de Brito experimenta, em Mato Grosso do Sul, a experiência popular. Demonstra compreendê-la profundamente, exercendo com fidelidade a tarefa no projeto a serviço de homens e mulheres de todas as raças, credos e orientações sexuais para que sejam todas vozes libertadas!

Algumas Considerações

Tratar dos enfoques sobre a perspectiva dos grupos excluídos é *sulear*⁵. Durante algum tempo, na universidade, foi estabelecido que a validade das pesquisas estavam na suposta qualidade e no rigor dos métodos clássicos de investigação originários do Continente europeu. As Práticas Sociais e Processos Educativos questionam esses padrões fixos e possibilitam um re-fazer, um repensar a ciência e a forma de construir o conhecimento na academia, tornando-se possível vivenciar um constante movimento do “estar sendo”.

Nesta perspectiva de se fazer ciência, a academia, a pesquisa, o rigor se aproxima de grupos excluídos, assumindo com eles o compromisso de propiciar o acesso ao conhecimento popular por meio de sua inserção no campo do estudo. A Prática Social da liderança de *Ray* pode ser interpretada como uma memória enraizada na luta pelos direitos e pelo respeito à dignidade das pessoas. Este enraizamento (memória de uma África constituída em seu ser, e em seu estar no mundo) permite preservar, fortalecer identidades e recuperar culturas negadas conjecturando inúmeras possibilidades de se realizar as transformações tão necessárias em nossa sociedade.

Estes escritos trouxeram os relatos de Processos Educativos desenvolvidos em uma Prática Social não escolar de liderança. A mulher negra, da qual o texto se aproximou, nos ensina que as trocas de experiências, o exercício do diálogo e do debate, a vida se faz como um projeto de descolonização - o exercício político – radical, frente ao individualismo, ao desânimo e à insegurança. Aproximação com a experiência vivida por Raimunda traz à tona a sensação de estar sempre aprendendo. O aprendizado essencial que permanece é o da necessidade em ser coletivo, estar junto. Este é o desafio: a organização política necessária para encaminhar a luta, a tarefa de libertação dos e com os oprimidos, alijados dos bens produzidos pela humanidade devido aos marcadores de raça, pertencimento étnico e de gênero.

Referências Bibliográficas

⁵ Termo utilizado na Disciplina Práticas Sociais e processos Educativos no sentido de realizar uma desintoxicação semântica. É o esforço em afastar da cosmovisão restritiva de que tudo que é humano, bom, perfeito localiza-se no hemisfério norte. Trata-se valorizar o hemisfério sul: em vez de fortalecer o nortear, diz-se *sulear*.



- ABREU, Miriam Santini. *Relações de poder nos sindicatos e a inexistência do “poder obediencial”*. Florianópolis: SINTUFSC/Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, 2008.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação?* 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BORGES, Edson. Et alli. *Racismo, Preconceito e Intolerância*. São Paulo: Atual, 2002.
- DUSSEL, Enrique D. *A pedagógica latino-americana (a Antropológica II)*. In: DUSSEL, Enrique D. Para uma ética da libertação latino americana III: erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola; Piracicaba: UNIMEP, 1997.
- _____. *Autopercepción intelectual de un proceso histórico*. Anthropos. Barcelona/Espanha: Projecto A. Ediciones. No. 180. set/out. 1998.
- _____. *Transmodernidad e interculturalidad (interpretación desde la filosofía de la libertación)*. México City: UAM, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1992 p.05 – 103 e 105 a 203.
- _____. *Considerações em torno do ato de estudar*. Petrópolis-RJ: Paz e Terra, 2007 p. 9 - 13.
- _____. O Papel do Trabalhador Social no processo de mudança. IN: FREIRE, P. *Ação Cultural para a liberdade*. Petrópolis RJ:Paz e Terra, 2007 p.43-48
- FIORI, Ernani Maria (1986) *Conscientização e educação. Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS. 11(1). jan/jun. 1986. p.3-10.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. *Olhar e memória*. In: NOVAES, Adauto (org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 95-124.
- MICHAELIS, *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MICHELIS, *Dicionário eletrônico/DIC Prático*, 2002.
- NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: instituto Kuanza, 2007.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. Das culturas tradicionais africanas às religiões afro-brasileiras. In Sousa Jr., Vilson Caetano. *Nossas Raízes Africanas*. São Paulo, Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004. p. 117 -123.
- OLIVEIRA, Maria Waldenez. Et al. *Processos Educativos em Práticas Sociais: reflexões Teóricas E. Metodológicas Sobre Pesquisa Educacional em Espaços Sociais*. www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf, 2009
- SILVA, Jônatas Conceição da. *Vozes Quilombolas - uma poética brasileira*. Salvador: EDUFBA-Ilê Aiyê, 2004. P.p 23 – 44.



SILVA, Maria de Lourdes. *Prática Social e Processos Educativos: a liderança da mulher negra em Campo Grande Mato Grosso do Sul*. Diário de Campo, 1º Semestre 2009. Disciplina Práticas sociais e Processos Educativos- PPGE/UFSCar, 2009 - 32 pp.

SILVA, Petronilha B. G e. OLIVEIRA Maria Waldenez de. GONÇALVES JUNIOR, Luiz. MONTRONE, Aida V.G. JOLY, Ilza Zenker. MELLO, Roseli Rodrigues de. *Práticas Sociais e Processos Educativos: costurando retalhos de uma colcha. Pesquisa em Processos de Ensino e de Aprendizagem 4: Práticas Sociais e Processos Educativos do PPGE/UFSCAR, 2008 (versão preliminar) p. 1 – 27.*

_____. *O pensamento negro em educação no Brasil*. São Carlos: UFSCar, 1997.

_____. *Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas, situando-nos enquanto mulheres e negras*. Cadernos CEDES. São Paulo: editora, nº 45, 1998. p. 7-23.